

DISPOSITIVOS CONCEITUAIS DA LINGUAGEM E DA TEORIA DA VERDADE NA FILOSOFIA DE KARL-OTTO APEL¹

*Dr. Heitor Romero Marques**
*Me. José Moacir de Aquino***
*Rogério Santos dos Prazeres****

¹ Artigo resultante de estudos na área de Direitos Humanos, Estudos Sociais e Filosofia da Linguagem, realizados no projeto de pesquisa na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) denominado no Contexto dos Direitos humanos em Campo Grande e a Intersubjetividade em Termos da Ética e da Alteridade: um estudo jurídico-filosófico e educacional (Dhiea), em regime de colaboração entre o Mestrado em Desenvolvimento Local e o Grupo de Estudos e Pesquisas Filosóficas (GEFIL), ambos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande-MS.

* Bacharel em Ciências e Pedagogia com especialização em Filosofia e História da Educação pela Faculdade Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Mestre em Educação (Formação de professores) pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Doutor em *Desarrollo Local y Planteamiento Territorial*, pela *Universidad Complutense de Madrid*. Membro do Comitê Científico e do Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da UCDB. Professor no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidade, ligado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Professor na graduação de cursos de Licenciaturas e Direito. Coordenador do Projeto de Pesquisa Interdisciplinar. No Contexto dos Direitos Humanos em Campo Grande e a Intersubjetividade em Termos da Ética e da Alteridade: um estudo jurídico-filosófico e educacional (dhiea), no Programa de Iniciação Científica da Universidade Católica Dom Bosco-PIBIC/ UCDB – 2009-2011. E-mail: heiro-ma@ucdb.br

** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

*** Licenciado em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Aluno do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UCDB), desde 2009. E-mail: pleinementperdu@yahoo.fr

RESUMO

O texto explicita o conceito transcendental hermenêutico de linguagem de Karl-Otto Apel, atrelado aos fundamentos da teoria da verdade empreendida pelo autor. Tanto que, de tal forma, linguagem e verdade são indissociáveis na apreciação do atual ensejo linguístico da filosofia da linguagem, em especial relevo nos trabalhos apelianos, tematizados na investigação da prática comunicativa. Para tanto, privilegia-se uma perspectiva explicativa do aparato teórico que culmina na semântica, cujo referencial é a Tradição Ocidental de Linguagem, a fim de se denotar a relação entre o conceito apeliano de linguagem e paradigmáticos referenciais da linguagem no século XX, bem como as substanciais influências pragmáticas destes, no postulado teórico de Apel, apreciados irrefutavelmente como precursores da reviravolta linguístico-pragmática. Conveniente ao aporte, trata-se de demonstrar como Karl-Otto Apel intenta uma pragmática da linguagem, conjecturada numa orientação cognitivo-antropológica, acerca da reflexão sobre a verdade e a validade de sentido da mesma para o ser humano, existencial e comunitariamente no crivo das transformações de nossa era.

Palavras-chave: Linguagem. Filosofia da Linguagem. Epistemologia. Verdade. Karl-Otto Apel.

ABSTRACT

This paper explains the concept of transcendental hermeneutic language of Karl-Otto Apel, tied to the foundations of the theory of truth undertaken by the author. So much so that so, language and truth are inseparable in the assessment of the current rise of linguistic philosophy of language, especially in the relief of Apel's works, thematized in the investigation of communicative practice. To this end, focus is a perspective explanatory theoretical apparatus that culminates in the semantics, whose reference is the Western Tradition of Language, in order to denote the relationship between language and language concept, and paradigmatic language reference in the twentieth century, as well as the substantial influence of pragmatic, the theoretical postulate of Apel, irrefutably appreciated as precursors of language-pragmatic turn. Convenient to the contribution, it is shown as Karl-Otto Apel brings the pragmatic of language, advice conjectured an anthropological-cognitive reflection on the truth and validity of the same order for the human being, existential and community in the riddle transformations of our age.

Keywords: Language. Philosophy of Language. Epistemology. Truth. Karl Otto Apel.

INTRODUÇÃO

O presente texto expõe a concepção de linguagem em Karl-Otto Apel. Trata-se de uma análise da importância da linguagem, e adjunto, da verdade, nos trabalhos apelianos. Isso porque, em Apel, entende-se que linguagem e verdade estão indissociáveis, no que tange a universalização dos interesses. Problematiza-se tal questão logo que se pretende considerar seriamente todos os afetados; de modo a se fundamentar, racionalmente, a resolução de conflitos. O postulado da linguagem, em Karl-Otto Apel, está centralizado na mediação do diálogo, e visa o acordo ético, contrafactivamente, mais razoável possível das partes.

Apel, no campo da linguagem, intenta em seu itinerário filosófico um estudo da exigência ética dialógica, social e intermediática, afim de uma investigação filosófica, semiótica e hermenêutica, delimitada na “linguagem-ação”, no que se reflete no contexto dos jogos de linguagem.² Em seu trabalho hermenêutico transcendental, Apel aponta para as interpretações do campo cognitivo, e que situadas no campo da realidade, a linguagem se apresenta como desvelamento do ser.³ Destarte, a concepção de linguagem de Apel estreita o conteúdo da teoria da linguagem de Noan Chomsky com a linguística filosófica, e “de fato, a relação entre linguística e filosofia jamais

² Apel, conforme o discernimento do Wittgenstein da fase tardia, empreende que os dados da experiência só se constituem no contexto de um jogo de linguagem. “Face a isso, uma análise linguístico hermenêutica partirá de que as reações comportamentais humanas inteligíveis (enquanto composições intencionais e vinculadas a linguagem) possuem a qualidade de compreensão. Disso conclui-se que “os dados do mundo (em cujo contexto surge o comportamento que se cabe entender) precisam ser entendidos a partir do entendimento intencional do próprio comportamento a ser entendido. O mundo já não é mais o ser-aí das coisas, à medida que elas formam um contexto regular (no sentido das ciências naturais), (Kant) mas sim a situação inteira de um ser-no-mundo (Heidegger), do qual podemos participar através do compreender linguístico. APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II: O A priori da Comunidade de Comunicação*. Edições Loyola. São Paulo, 2000, p. 125.

³ Para Heleno, “quando Ricoeur afirma que o mistério da linguagem é dizer qualquer coisa sobre o ser, indica efetivamente a impossibilidade de se entender a linguagem como mera relação entre signos. O confronto com a semântica permite, na verdade, mostrar que em hermenêutica não pode existir clausura de signos; ao invés, a linguagem remete sempre para o extralinguístico, o que equivale a defender a abertura da linguagem e o elo entre hermenêutica e ontologia”. HELENO, José Manuel Morgado. *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Editora Instituto Piaget. Lisboa, 2001, p. 136.

foi tão estreita quanto no presente”,⁴ na história da linguagem, situada no plano do discurso.

A esse respeito, a insustentabilidade de diferentes respostas para a solução de problemas e responsabilidades distintas das partes, embora pertença-se à mesma causa, estando os sujeitos considerados meramente no prisma do discurso argumentativo, contraria as possibilidades de soluções de harmonia consensual, sócio-educativas e humanizadoras, o que coloca sob suspeita a contingência de soluções parciais, especificamente se elas são ou não eticamente suficientes, uma vez que necessárias. Notadamente, as soluções, relegadas às condições históricas e a luta pelo poder, são condicionadas na manutenção de domínio solipsista, ou na guisa do desfecho “mais prático” viável; quando não, legadas à esfera judiciária.

A respeito das percepções, ou do que se pressupõe em um discurso argumentativo, o pluridimensional fenômeno da linguagem⁵ impactou os fundamentos epistemológicos vinculados às ciências linguísticas contemporâneas, no corrente século.⁶ E mais, suas correspondências científicas, influências; e, porque não dizer, a ciência e a filosofia de modo geral. O que provocou, inevitavelmente, a reflexão sobre o lastro das concepções empíricas e racionais acerca da linguagem. E tais, apresentam-se não apenas numa analítica da linguagem, mas caracterizada na indagação pelos limites da razão, e efetiva aplicabilidade instrumental da comunicação humana.

Objetivamente, este texto trata de discernir a potencialidade pragmática intersubjetiva dialógica da linguagem, e sua relação com a verdade.

⁴ Nas palavras de Apel, o próprio Chomsky poderia esclarecer esta relação, tornando a informação a respeito da relação entre linguística e filosofia mais precisa. “Jamais, desde a dissolução da filosofia da linguagem racionalista e romântica e da dissolução da gramática filosófica pela filologia indo-germânica comparativa e, pela assim chamada linguística-empírico descritiva moderna, seja como for, o fato é que subsiste entre a linguística da escola de Chomsky e a filosofia moderna algo como uma simbiose”. APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II: O Apriori da Comunidade de Comunicação*. Edições Loyola. São Paulo, 2000, p. 299-300.

⁵ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 201.

⁶ “a linguagem é um fenômeno pluridimensional que contém diferentes níveis, pesquisados por diferentes ciências”, cujas temáticas estão circunscritas em paradigmas de conhecimentos. No entanto o problema da nossa epocalidade é ter absolutizado a dimensão instrumental da linguagem humana. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 201-205.

No entanto, em que consiste a concepção de linguagem em Apel? Como está dinamizada a solução linguístico-consensual dos problemas modernos, atrelada à sua teoria da verdade, cuja arquitetônica⁷ está fundada semioticamente? A hipótese está numa racionalidade dialógica, possível apenas quando entendida as formas de vida de uma comunidade de comunicação. Nessa perspectiva, primeiramente, tratar-se-á de se evidenciar o conceito transcendental hermenêutico de linguagem de Karl-Otto Apel; feito isso, passar-se-á à discriminação do limite solipsista; e por fim, a relação da linguagem com a teoria da verdade apeliana, a fim de se referenciar a racionalidade dialógica em Karl-Otto Apel.

1. O CONCEITO TRANSCENDENTAL HERMENÊUTICO DE LINGUAGEM EM KARL-OTTO APEL

Entende-se que “a filosofia defronta-se hoje com a problemática da linguagem como problemática dos fundamentos da formação teórica e conceitual de seus próprios enunciados, isto é, das formulações sensatas e intersubjetivamente válidas da cognição em geral”.⁸ A empresa de descrever o arranjo das manifestações linguísticas aliadas a um significado, conceituação, emprego da linguagem e resultados com sentido estão a cargo confiado à esfera da filosofia da linguagem.

Karl-Otto Apel é um filósofo alemão nascido em Düsseldorf, em 15 de março de 1922. Nas áreas em que atua, as temáticas dos trabalhos estão

⁷ Segundo Adela Cortina, Apel empreende uma elaboração de uma proposta filosófica que se enquadra no marco de um “humanismo quase-renascentista”; ele une linguagem, história e filosofia, desde um ponto de vista cada vez mais filosófico, um filosófico enraizado em tradições continentais. Ele encarna algo como a ideia platônica filosófica, a saber, “o homem convencido, profissional e vitalmente, de que a reflexão filosófica possui uma especificidade e que é preciso mantê-la a qualquer custo, visto que dela resulta uma contribuição indispensável para o saber e o agir humanos”. Nos termos de Cortina, *esa fidelidad insobornable a la especificidad de lo filosófico, en lo que se refiere al método, los criterios de la filosofía, es lo que le lleva a parecer poco flexible ante las conveniencias del momento, poco prudente y diplomático en tiempos de frivolidad y relativismo, en los que suena excesivamente rotunda la pretensión de alcanzar una fundamentación última*. CORTINA, A. Introdução: Karl-Otto Apel: verdad e responsabilidad. In APEL, Karl-Otto. *Teoría de la verdad y ética del discurso*, p. 9-10. Sobre a concepção pragmática transcendental da verdade em Apel, cf. APEL, Karl-Otto. Falibilismo: teoría consensual da verdade e fundamentação última. (1986). In: APEL, Karl-Otto. *Teoría de la verdad y ética del discurso*, p. 35-145.

⁸ Ibidem, p. 378.

centradas na ética, na filosofia da linguagem, e nas ciências humanas. “Apel foi estudante de História, especializou-se em Literatura, mas no final dedicou-se a Filosofia”.⁹ Quanto ao referencial teórico que o guiou em suas pesquisas, foi liminar a “descoberta de Charles Sanders Peirce, que teve importância decisiva em toda sua obra, o que, por conseguinte, permitiu a crítica do solipsismo de Kant”.¹⁰ Atualmente é professor emérito de filosofia da Universidade de Frankfurt, e dedica-se aos estudos da linguagem, em específico, a ética do discurso.

Sem dúvida, Karl-Otto Apel é um pensador original que capta diversos níveis de uma transformação da filosofia contemporânea. Sua traumática experiência – voluntário aos 18 anos, em 1940, no exército nazista (quando Emanuel Lévinas estava no campo de concentração [Stammlager] durante os mesmos cinco anos) – fez dele um racionalista decidido, e um ético sensível, não rigorista, com alta responsabilidade histórica.¹¹

No que concerne à linguagem, em Apel, rompido o panorama filosófico metafísico tradicional, a linguagem está redirecionada numa correspondência intersubjetiva, validada na interação sócio-comunicativa (pragmática da linguagem). Desse modo, a linguagem passa de objeto da reflexão filosófica para a esfera dos fundamentos de todo pensar, e “a filosofia da linguagem passa a poder levantar a pretensão de ser a filosofia primeira”,¹² na contemporaneidade.

Uma transformação transcendental-hermenêutica da *prima philosophia* logra superar a diferenciação precípua entre a ontologia clássica e a moderna filosofia da consciência, sem abrir mão do anseio cognitivo-crítico dessa última; mas mais do que isto, esse anseio é transformado pelo anseio de uma crítica do sentido que toma como ponto de

⁹ Apel dedica-se ao “tema da filosofia da linguagem a partir de um horizonte antropológico. Segue seu itinerário em uma posição hermenêutica heideggeriano-gadameriana, conciliada à crítica à metafísica de Wittgenstein e do próprio Heidegger”. DUSSEL, Henrique. *Ética da Libertação: Na idade da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 182.

¹⁰ Idem, p. 182.

¹¹ Idem, p. 182.

¹² Idem, p. 12.

partida o fato de uma dúvida cognitiva-crítica jamais poder ameaçar a consistência semântico-pragmática do jogo de linguagem.¹³

Dito isso, Subsiste uma proposição central empreendida na filosofia Apeliana: “a transformação da filosofia pretende conciliar a reflexão transcendental kantiana com a tese do segundo Wittgenstein da impossibilidade de uma linguagem privada”.¹⁴ Em outras palavras, uma reconsideração do significado cuja importância está formulada em regras apriorísticas, e que conduzem a uma prática. Pois “as regras convencionais de cada jogo linguístico dado dependem de regras não convencionais, mas que são condições de possibilidade das primeiras”¹⁵ regras convencionadas, inconscientemente, e comunicadas de forma verbal e não verbal na interação social.

A esse respeito, discute-se a linguagem, em Apel, na esfera do *éthos*,¹⁶ contextualizada na ontologia, e problematizada numa hermenêutica transcendental, de modo que não se trata mais de fundamentos, pois sim, de se ultrapassar parâmetros sofistas da informação dissuasiva e manipulações do real, enquanto recursos estratégicos. É por isso que Apel explicita o universo do sentido,¹⁷ para se compreender um mundo mediado e constituído pela linguagem,¹⁸ na dimensão triádica do signo linguístico.

¹³ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II: O a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 404.

¹⁴ VELASCO, Marina. *Ética do Discurso. Apel ou Habermas?* Rio de Janeiro: Mauad Editora LTDA, 2001, p. 51.

¹⁵ VELASCO, Marina. *Op. Cit.* 2001, p. 51.

¹⁶ Para Apel, citado por Lima Vaz, é importante conceber que a relação entre linguagem e *éthos*, linguagem como fenômeno de ação social, é tamanha que considerando que “a primeira acepção de *éthos* (com ETA inicial) designa a morada do homem (e do animal em geral). O *éthos* é a casa do homem. O homem habita sobre a terra recolhendo-se ao recesso seguro do *éthos*. Este sentido de um lugar de estada permanente e habitual, de um abrigo protetor, constitui a raiz semântica que dá origem à significação do *éthos* como costume, esquema praxeológico durável, estilo de vida e ação. A metáfora da morada e do abrigo indica que, a partir do *éthos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. O domínio da *physis* ou o reino da necessidade é rompido pela abertura do espaço humano do *éthos* no qual irão inscrever-se os costumes, os hábitos, as normas e os interditos, os valores e ações. Por conseguinte, o espaço do *éthos* enquanto espaço humano, não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído”. VAZ, Henrique C de Lima. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 12-13.

¹⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 216.

¹⁸ Cf: APEL, Karl-Otto. *Semiótica Filosófica*. Buenos Aires: Almagesto, 1994, p. 201.

Para tanto, é importante notar três conceitos de significado: 1) intencionalidade referencial; 2) identificação perceptiva; 3) e significado público,¹⁹ que auxiliam nas possibilidades de comprovação da “intencionalidade fática” dos indivíduos, e que está mascarada, de modo imperativo, pelo significado público. Neste caso, orientando-se em conformidade à teoria de Gottlob Frege,²⁰ tanto que, para tal, exige-se uma diferenciação entre sentido e significado ao se abordar, superada a Tradição, a comunicação em perspectiva apeliana.

A distinção, no âmago da semântica fregeana, está que a denotação tem a propriedade de ser empregada por meio de várias palavras e sinais (existindo identidade de objetos sem prejuízo da denotação); já o sentido, implica-se na maneira em que se manifesta o objeto (havendo diversidade de sentidos). Por conseguinte, é patente que no liame manifestem-se as três dimensões da linguagem, a saber: a) dimensão signativa (expressão linguística, sinais linguísticos); b) dimensão objetiva (objeto designado); c) e dimensão significativa (dimensão do sentido),²¹ e que nos jogos de linguagem, nos quais o ser semiótico²² está envolvido, imbricar-se-ão intencionalidade com a interação das histórias dos sujeitos, relacionadas numa dinâmica comunicativa, que por sua vez atualizará a percepção dos envolvidos, favorecendo lhes a possibilidade de um acordo intersubjetivo.

Isso não se aplica apenas à função mediatizadora de “significados” lingüísticos entre sujeito e objeto da cognição, mas também, nesse mesmo contexto, à respectiva função da comunicação intersubjetiva – e não à medida que ela possa ser reduzida à transmissão lingüística de informações sobre estados de coisas, mas à medida que também

¹⁹ Ibidem, p. 203.

²⁰ Idem, p. 203.

²¹ Sobre as dimensões da linguagem vide OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Lingüístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 62.

²² Conforme Apel, entende-se que a existência do homem contemporâneo é a existência do existir com sentido em um mundo linguisticamente mediado, de forma que o homem é um ser sujeito a hermenêutica tecida desde paradigmas diversos, que podem ou não tocar sua subjetividade. Considerando-se a própria autocompreensão do mundo, por este homem como membro de uma comunidade de comunicação, a dependência lingüística na sua relação com ela e os outros é naturalmente imperativa em sua história. Enquanto intérprete de signos está envolvido em uma problemática da verdade e a validez, numa determinada situação contextual, existencialmente imbricado em extrapolações de um ser, ou mais, (seres) em transformação, num turbilhão de diagnósticas e conflitos de interpretações de tantos discursos continuamente. Cf. APEL, Karl-Otto. *Semiótica Filosófica*. Buenos Aires: Almagesto, 1994, p. 176-177.

seja, enquanto “acordo mútuo de sentido”, um acordo mútuo sobre o sentido das palavras e sobre o sentido do ser das coisas, mediatizadas pelo significado das palavras.²³

O problema da questão problematizada em um conceito consensual de linguagem hodierno, como propõe Karl-Otto Apel, está fundado em Aristóteles, em especial destaque de um *common sense* da linguagem, no sentido tradicional de “função designativa convencional;” ou seja, é difícil aclarar as “funções transcendentais-hermenêuticas” da linguagem acobertadas por essa concepção, enquanto função de um *logos* comum à comunidade dos seres humanos, o qual se encontra em um processo de auto diferenciação. Contudo, dadas as condições históricas, bem como as mais variadas transformações políticas, ideológicas e tecnológicas de uma sociedade globalizada, o ser humano, no corrente século, está definitivamente envolto nas contradições e preocupações com o *fatum* social, coletivamente discutido e apreciado por um humanismo jamais visto.

A pretensão do conceito de linguagem apeliano está propriamente discriminada numa “abertura ao mundo” e nexos de sentidos intramundanos, a fim de se corrigir prevenções: “alcançar uma compreensão mútua de outras culturas, e formas de vida, na aprendizagem recíproca”,²⁴ numa pragmática da linguagem, em termos de sintaxe e semântica, indispensavelmente universalizada na competência comunicativa, a propósito, sempre passível de atualização.

As circunstâncias de aplicabilidade do conceito advindo dos estudos apelianos têm limites. Isso porque ele está sujeito a uma comunidade argumentativa, assimilada num processo de comunicação ilimitado. É por isso que se entende uma necessidade de reconstrução empírico-normativa dos fundamentos da ciência e da filosofia, em virtude de uma “ética mínima”, com possibilidade de fundamentação de uma ética última. A descrição de jogos de linguagem e mesmo a participação neles está, também adjunta, na limitação, em caso emancipação da filosofia teórica desanexada da prática, e assimilada numa tomada de posição linguístico analítica da filosofia e da ciência contemporânea.

²³ APEL, Karl-Otto, *Op. Cit.*, 2000, p. 378.

²⁴ HABBERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. Ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004, p. 74.

2. CRÍTICA AO SOLIPSISMO METÓDICO

Entende-se que o solipsismo consiste na postura metodológica que parte da concepção de que o indivíduo quer no campo teórico, quer no prático, considera-se autônomo, restrito às próprias convicções, com motivos pessoais suficientes para impor a vontade exclusiva, de si mesmo ou de outrem, em providência da valência da própria *res*, independente e antes dos interesses do outro ou de uma comunidade, seja esta constituída previamente ou não; mas, recorre a esta, em último caso, para satisfazer suas necessidades, interesses e desejos por meio de ações instrumentais e estratégicas.

O propósito de Apel, que se confronta com o solipsismo metódico, é o de demonstrar que ele é produto de uma falácia abstrativa, que incorre quando se prescinde da dimensão pragmática da linguagem. Com base na semiótica tridimensional de Charles S. Peirce, Apel expõe o erro da filosofia da consciência e da análise da linguagem (reduzida às dimensões sintática e semântica): supor que o homem possa forjar seu pensar e agir sem estar já sempre inserido em uma comunidade comunicação, não considerar que “nós somos um diálogo”.²⁵ Pela via da reflexão filosófica sobre a tríplice dimensão da linguagem, praticada sem exceções, Apel explana, como condição de possibilidade do pensar e querer com sentido, a verdade do “socialismo pragmático” diante do solipsismo metódico, a verdade do pensar dialógico diante do monológico,²⁶ em face da universalização dos interesses.²⁷

Não se pode sobrepular, em Apel, o solipsismo metódico, sem antes ascender ao nível reconstrutivo do acordo linguístico intersubjetivo e consensual, passando do plano hermenêutico para o pragmático, como condição discursiva para alcançar o conhecimento de soluções plausíveis, configuradas no contexto da realidade e das exigências contemporâneas, e por meio delas, tornar real uma ação responsável, assumida em consenso,

²⁵ HEIDEGGER, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía. In: *Arte y poesía*. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958, p. 126.

²⁶ CORTINA, Adela. *Op. Cit.*, 1988, p. 52-54.

²⁷ Na concepção de K. Otto Apel, “toda norma válida deve satisfazer a condição de que possa ser aceita, com liberdade, por todos os afetados. As consequências dos efeitos colaterais que previsivelmente resultem de seu cumprimento generalizado, para a satisfação dos interesses de cada um”, possibilitando o caráter vinculante de regulação consensual discursiva de um conflito em desenvolvimento, necessariamente está alicerçada na linguagem, indiscutivelmente, no limite da razão. APEL, Karl-Otto. *Teoría de la verdad y ética del discurso*. ICE, Paidós, 1995, p. 178.

e “em permanente intercâmbio com os demais membros de uma *community* histórica”.²⁸ Isso significa não só assegurar-se com operações lógicas que levem a interpretação de dados sensoriais, mas também o valor nominal das ideias a serem investigadas (*common sense*).²⁹ Isto é, não da verdade que se pretende argumentar; mas na perspectiva teleológica de cada caso, e do mesmo modo, *in loco*. Cabe afirmar, em contraposição ao solipsismo, que a verdade, que só se encontra no juízo (*Tractatus* 60), é estabelecida, de fato, por referência a representações (imagens ou conceitos), e que as representações, elas mesmas abstratas do juízo, são indicativas do próprio real,³⁰ posto que elas não são tais como são percebidas pelo meato dos sentidos, o que configura pseudoentendimento.

A objeção, em debate, repousa sobre a falsa noção do conhecimento e sobre o postulado implícito de que o juízo é a operação fundamental da inteligência.³¹ A questão é que, numa diretriz de ética egoísta, entende-se que a retórica especulativa, baseada na lógica crítica (dedução, indução e hipótese) fundamenta as condições de possibilidade de explicação de um dado fenômeno, que pode ser “verdadeiro ou falso” (verdadeiro e falso em conformidade com um juízo), todavia, uma vez que deduzida de comprovações, torna-se tese, com o intuito de se convencer um ouvinte, platéia ou espectadores. Uma vez que não se favoreça o diálogo, a persuasão entretém, cria *exnihilo*, e facilmente uma tese ou antítese (verdade ontológica) precipita-se em crença.

²⁸ APEL, Karl-Otto. *Op. Cit.*, 2000, p. 132.

²⁹ Conforme Apel, “assim, em uma relação que é em princípio triádica, A deixa claro para B o que C tem em mente. E isso vale até mesmo para o assim chamado pensar solitário, no qual eu (A) preciso deixar claro para mim (B) o que quer dizer a minha própria ideia, opinião ou intenção (C). Esse processo triádico de mediatização da interpretação assegura a continuidade histórica da cognição, a medida que A representa o presente que mediatiza para o futuro B o sentido ou a opinião do passado (C). APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II. O a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 132.

³⁰ Sobre a verdade, Apel é catedrático: “*La verdad no es ni más ni menos que aquel carácter de una proposición [proposition] que consiste en que la creencia, en dichaproposición nos conduciría, com la suficiente experiencia y reflexion, a um comportamiento tal que tendría que satisfacerlosdeseos que entoncestuviésemos significado em absoluto*”. APEL, Karl-Otto. *El Camino del Pensamiento de Charles Sanders Peirce*. Navalcarnero (Madrid): Gráficas Rógar/visor, 1997, p. 95.

³¹ JOLIVET, Regis. *Tratado de Filosofia. Lógica – cosmologia*. Vol I. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1969, p. 132.

De acordo com Peirce, as experiências destes não podem ser superadas pela mediação racional, senão que, para poder contribuir com o conhecimento, desde que, a representação significa [...] pura experiência sensorial, introduz mediante as funções icônicas da linguagem, na terceira idade da representação simbólica, submetendo-as o conteúdo informativo às referências abductiva e dedutiva.³²

Acontece que o caráter aporético em que se estabiliza o solipsismo reside na pretensão objetivista de “ciência unificada”, instaurada inicialmente na filosofia analítica do primeiro Wittgenstein, e também superada por ele, na fase do Wittgenstein tardio, tendo-se reconsiderado o empirismo lógico de Leibniz, em sentido neo-positivista.³³ “O neo-positivismo parte do pressuposto de que, em princípio, um só indivíduo possa conhecer algo como algo, e assim, fazer ciência”,³⁴ ou teorizar a verdade, noção extremada no cartesianismo com o *cogito, ergo sum*.³⁵ Face a isso, o óbice está justamente condicionado ao interesse gnosiológico pessoal, que se impõe como diretiva modelar, na comunidade argumentativa dos cientistas, o que coloca em *check* o próprio conceito de ciência, mas que, em Apel, possibilita-se uma reconstrução tematizada no horizonte da Ética do Discurso, para validar

³² APEL, Karl-Otto. *El Camino del Pensamiento de Charles Sanders Peirce*. Navalcarnero (Madrid): Gráficas Rógar/visor, 1997, p. 183.

³³ Ora, deve-se considerar que existem fatos que independem do pensamento humano e que só podem ser conhecidos de forma intersubjetiva. “Com isso, evidencia-se que como pressupostos últimos do empirismo lógico apresentamos dois princípios metafísicos leibnizianos: que há verdades racionais lógicas (*vérités de raison*) e verdades factuais experienciáveis (*vérités de fait*)”. APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II*. O apriori da comunidade de comunicação. São Paulo: Loyola, 2000, p. 266.

³⁴ Não se nega, em Apel, que “o neopositivismo não logra conceber o Compreender próprio às ciências humanas a partir de sua respectiva dimensão, qual seja o interesse cognitivo pelo acordo mútuo intersubjetivo; mais que isso, ele se vê obrigado a tratar o Compreender como uma empatia que se estabelece com os dados comportamentais e que eventualmente pode conduzir a hipóteses elucidativas, ou seja, desde o início ele descola o Compreender para o horizonte transcendental do saber disponível objetivo” APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II*. O apriori da comunidade de comunicação. São Paulo: Loyola, 2000, p. 264-265.

³⁵ CF: Descartes, *ipse lítere*: [...] “*je me résolus de feindre que toutes les choses qui m'étoient jamais entrées en l'esprit [158] n'étoient non plus vraies que les illusions de messonges. Mais aussitôt après je pris garde que, pendant que je vouloi sains et penser que tout étoit faux, il falloit nécessairement que moi quile pensois quelque chose; etre marquant que cette vérité je pense, donc je suis, étoit si ferme et si assurée, que toutes les plus extravagantes suppositions des sceptiques n'étoient pas capables de l'ébranler, je jugeai que je pouvais la recevoir sans scrupule pour le premier principe de la philosophie que je cherchois*”. DESCARTES, René. *Discours de La Méthode*. Paris: Librio, 2004, p. 32.

um interesse comunitário, visando-se a alteridade e a solidariedade para a solução de problemas.

A novidade está no cerne da superação obtida pelo segundo Wittgenstein quando se funda uma pragmática que abarca conhecimento linguisticamente mediado e práxis humana, aplicada numa comunidade de comunicação.³⁶ Isso significa substituir a ideia de essência pela do uso das palavras, com a consideração de contextos diversos. Ou seja, da linguagem para o mundo da vida Wittgenstein ultrapassa o campo da lógica e da ontologia, e situa sua eminente analítica filosófica no antropocentrismo: uma vez que não há essência (IF118); e sim, “semelhanças de família entre conceitos”,³⁷ impreterivelmente factíveis e descerradas aos jogos de linguagens (IF 27).

Conforme Manfredo Oliveira exprime-se que “a semântica só chega ao auge da significação por meio da pragmática”.³⁸ Assim, a solução dos problemas filosóficos e mal entendidos só podem ser resolvidos por meio de um sistema lógico-simbólico cujo embrião está na semântica, enunciado como discurso sobre a realidade.³⁹ Assim, para a filosofia analítica moderna, a validade do saber não pode ser senão intersubjetiva.

A crítica à Tradição, em Peirce, implica um forte realismo ao se afirmar, em absoluto, “(1) que pensamentos ou ideias referem-se à existência real exterior à mente e, (2) que há existências gerais reais fora da mente. É necessária toda uma comunidade de investigadores para testar objetivamente a veracidade de qualquer ideia”,⁴⁰ apresentada como “verdadeira” a uma comunidade de comunicação.

³⁶ HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 322.

³⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 130-131.

³⁸ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 147.

³⁹ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I: Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. In: O conceito filosófico de verdade como pressuposto de uma linguística voltada para o conteúdo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 132.

⁴⁰ Segundo Stroh, “Peirce distingue entre crença e dúvida, afirmando que a crença envolve uma regra ou hábito no qual uma pessoa está preparada para agir, enquanto uma dúvida não envolve uma tal regra de ação”. A dúvida, porém, constituidora de insatisfação pode impulsionar o desejo de pesquisa. A dúvida genuína impulsiona alcançar a crença; a crença genuína é o fim o propósito para a pesquisa. STROH, Guy W. *A Filosofia Americana*. São Paulo: Cultrix, 1968, p. 110-112.

Com isso, o empreendimento de um conceito de linguagem e uma percepção desanexada da Tradição, ou seja, à exceção da isomorfia entre linguagem e realidade, especificamente do que se entende como verdade, enquanto construção linguística da realidade, não está circunscrito numa análise suturada ou independente; ao contrário, antes, deve apresentar-se confluyente com as tematizações e metodologias das ciências particulares, de modo que favoreça a avaliação dos resultados alcançados, e ainda, dar conta da reflexão sobre os próprios pressupostos linguísticos, no campo da filosofia.⁴¹ Tal pretensão só pode ser assegurada num diálogo interdependente entre ciência empírica e filosofia, através de uma transformação linguístico-filosófica, justificada num conceito transcendental-hermenêutico de linguagem.

3. LINGUAGEM E VERDADE NA ABORDAGEM FILOSÓFICA DE KARL-OTTO APEL

A verdade em Apel está em um patamar sustentado pela suspeição das possibilidades de inferências em uma linguagem. Isso aponta para o quão importante é essa independência, na abordagem epistemológica contemporânea. Essa abordagem é explicitada como teoria da verdade fundada semioticamente.⁴² A consistência dessa postura, por parte de Apel, em reclamar atenção sobre os fenômenos indutivos implicados como verdades, e justamente com implicação linguística, está alicerçada no aspecto semiótico da teoria peirceana da verdade; bem como na teoria semântica da verdade de Alfred Tarski,⁴³ circunscrita na investigação de sistemas, dos critérios semânticos, porém desanexada da pragmática; e estas, reconfiguradas, juntamente com a teoria ontológica realista da verdade de Karl Popper, que considera a “realidade” para embasar a verdade científica, entendida numa “correspondência”.⁴⁴

⁴¹ Para Apel, este empreendimento não é uma atividade isolada. “O conceito deve tornar criticamente inteligíveis todas as tematizações linguísticas metódico-abstrativas feitas até então”, indispensavelmente. APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II*. O apriori da comunidade de comunicação. São Paulo: Loyola, 2000, p. 378-379.

⁴² APEL, Karl-Otto. *Teoría da la Verdad Y Ética del Discurso*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1998, p. 52.

⁴³ Idem, p. 52.

⁴⁴ APEL, Karl-Otto. *Op. Cit.*, 1998, p. 52.

Essa correlação de teorias busca, desde o *phaneron*, o significado comunitário e comunicável de um conhecimento evidente, constituído no juízo perceptivo e submetido à reinterpretação lingüística publicamente factível, assimilada a partir do mundo da vida, como pressuposto do “ser-assim” dado, compreendido no caso da tríplice dimensão do signo (Primeiridade, Segundidade e Terceiridade).⁴⁵

Para tratar da verdade e suas implicações lingüísticas, Apel cita um trecho do *Sobre o Estudo Comparativo das Línguas*, de 1820, de Wilhelm Von Humboldt (Fundador da Universidade de Berlin), no sentido de que é exatamente “por meio da dependência recíproca entre o pensamento e a palavra, evidencia-se de maneira muito clara que as línguas não são meios para se representar a verdade já conhecida, mas sim, para se descobrir a verdade que não se conhecia previamente”.⁴⁶ É desta reflexão “que podemos referir à intencionalidade fenomenológica, algo que nos diz que a linguagem visa sempre qualquer coisa que não ela própria, e por isso mesmo, não cessa de transcender”.⁴⁷ A propósito, a circularidade constituída por antinomias, possibilidades de interpretações, “pretensões de veredicto” e circunstâncias históricas impermeabilizam “o argumento-cartesiano que foi entendido, na realidade, no sentido da introspecção empirico-solipicista”.⁴⁸ Problema quando se intenta colocar em causa uma fundamentação filosófica última. A verdade, para Karl-Otto Apel, encontra-se não limitada ao *logos* da filosofia, tal como antes era usual para a Tradição. “Desde Platão a preocupação com o conhecimento doxológico e verdadeiro tornou-se de primordial importância para a *philosophia*. Se há conhecimento, e este conhecimento é possível, há que se distinguir o que é conhecimento do que não é”.⁴⁹ Este empreendimento epistemológico é levado às últimas consequências pelos racionalistas

⁴⁵ Idem, p. 51.

⁴⁶ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 123.

⁴⁷ HELENO, José Manuel Morgado. *Hermenêutica e Ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 161.

⁴⁸ Cf. Apel, *Ya no se pregunta por que el discurso autorreferente en el caso del “mentiroso” conduce a una antinomia, sino que la autorreferencia del discurso – más exactamente: de los enunciados declarativos – es en general considerada como causa de la aparición de antinomias y por ello se la prohíbe*. APEL, Karl-Otto. *Estúdios Éticos*. México: Fontamara, 2004, p. 142-143.

⁴⁹ BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de Filosofia Aristotélica*. Leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri: Editora Manole, 2003, p. 150.

críticos, e agora pode ser examinado no campo da ética comunicativa: “A busca pela verdade que nos faz passar do sentido para a denotação de uma frase”.⁵⁰ Ademais, o valor de verdade de uma frase é a circunstância em que ela se apresenta como verdadeira ou falsa,⁵¹ assim, “em cada juízo se faz o passo do nível do sentido para a denotação”.⁵² “O juízo deve ser concebido como a passagem do pensamento ao valor de verdade”,⁵³ considerando-se que o conhecimento pleno só pode ser atingido quando, suficiente e necessariamente, permanece o sentido, também chamado por Frege de conteúdo proposicional; e, a denotação, a que Gottlob Frege indica possuir o valor de verdade. “As ações e os desejos humanos condicionam a verdade: qualquer tipo de verdade, inclusive a científica”.⁵⁴ Existe uma tendência, particularmente natural no humano, de asserção, enclausurada na realidade do espírito, o que se traduz por vontade de crer. Falar em utilidade de algo é falar também em justificação, não só favorecida, mas também resultante da vontade.

Para a Tradição, a verdade está distinta numa dupla estrutura: discurso; e argumentação.⁵⁵ Interessa, pois, uma função representativa do mundo por meio da linguagem como resultado de uma explicação submetida à autocorreção do saber performativo, e reflexão das pretensões de validade. Mas só isso não é suficiente. A proposta de Apel, no entanto, é reconhecida pela participação de uma comunidade real de argumentação e uma comunidade ideal antecipada contrafactivamente, suposta “na hermenêutica filosófica e pragmática linguística, acerca da pré-compreensão do mundo, condicionada sócio cultural e historicamente”,⁵⁶ e assim, universalmente válidas. Nesse intento, positivamente, encontra-se Apel com Wittgenstein, Heidegger, e Noan

⁵⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Op. Cit.*, 2006, p. 64.

⁵¹ Idem, p. 64.

⁵² Ibidem, p. 64-65.

⁵³ É importante compreender que Frege concebe que “o conceito é a denotação de um predicado; o objeto é o que nunca pode ser a denotação total de um predicado, mas sim a denotação de um sujeito”, e a denotação é o que permanece quando faz-se substituição de termos transformadores de sentido, de forma que Frege não faz uso da definição de objeto no sentido usual ou comum. OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 65-67.

⁵⁴ Idem, p. 785.

⁵⁵ APEL, Karl-Otto. *Op. Cit.*, 1998, p. 143.

⁵⁶ Ibidem, 1998, p. 157.

Chonsky (1925-), na construção de uma antropologia do conhecimento.⁵⁷ A contraponto, encontram-se Descartes, Lyotard (1924-1998) e Richard Rorty (1931-2007),⁵⁸ que concebem instâncias interpretativas desde si mesmas, pressupondo-se que a verdade é incognoscível, entidade puramente racional.

[...] cabe afirmar fundamentalmente o seguinte: conteúdo do mundo e ordem do mundo, vivência e forma de consciência constroem-se reciprocamente em meio à linguagem viva e por meio dela; e a maneira como isso ocorre atualiza-se em cada conversação humana, mas também em cada cognição solitária. Em virtude da ordem imanente à linguagem, que é pública, desde o início, e que nessa mesma medida dispõe de uma validade universal relativa. Inserimo-nos em um círculo, ao mergulharmos no mundo enquanto situação vivencial conteudístico-significante, e com isso reanimamos – desde que se trate aqui de um entender original e não uma subsunção conformista – a ordem do mundo já cunhada previamente pela linguagem.⁵⁹

Há em Apel um reconhecimento de uma relativização pragmática da significância do mundo aos objetivos da prática humana, que não é o objetivo último da análise do ser-aí. Ele recorre continuamente a Heidegger, aprofundando a idéia de verdade como *alétheia*, não rejeitando três possibilidades em seu raciocínio: 1) de correções factuais (Husserl); 2) a dimensão pragmática do significado frente a uma interpretabilidade pública (*poiésis*),⁶⁰ que está imbricada com as compreensões ontológicas do mundo, por cada

⁵⁷ Nesse aspecto justamente Apel crê ter encontrar no *a priori* da comunidade ilimitada de comunicação: “*el criterio supremo de valoración para las ciencias hermenéuticas del acuerdo intersubjetivo y las ciencias sociales críticas. De suerte que podemos decir que la antropología del conocimiento es aquella parte de la filosofía de Apel que desvela las estructuras que hacen posible el ejercicio complementario de la razón dialógica y la emancipación mediante sus pretensiones de la verdad y libertad em la historia*” APEL, Karl-Otto. *Teoría da laVerdad Y Ética del Discurso*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1998, p. 22.

⁵⁸ Apel posta-se contra uma filosofia solipsista; e a favor de uma filosofia da alteridade a partir da consciência até a intersubjetividade mediante a uma reflexão transcendental. Não no sentido de um “eu penso kantinao”, mas um “*nosotros argumentamos*”. “Sin embargo, aunque la comunidad ideal de argumentación represente el nexo de unión entre el ámbito teórico y el práctico, esto no significa que los discursos teóricos e práctico se identifiquem. APEL, Karl-Otto. *Teoría da la Verdad Y Ética del Discurso*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1998, p. 22.

⁵⁹ APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 228.

⁶⁰ *Ibidem*, 2000, p. 190-194.

ser humano, isso com Humboldt e Giambattista Vico (1668-1744) – “o processo de uma cosmovisão se constitui por meio da força das palavras”⁶¹ – em substituição de uma teoria de adequação da verdade por um conceito “poiético” de verdade;⁶² 3) e, possibilidade de re-interpretação linguística do mundo em acordo mútuo inter-humano.⁶³

A dimensão pragmática revela-se como dimensão transcendental-hermenêutica do acordo mútuo e intersubjetivo quanto ao sentido, e compõe, com a dimensão do pré-entendimento semântico-mediatizador das coisas (ou melhor, do mundo – que se encontra acobertado pelo conceito designativo da linguagem –, uma unidade dialética: idealmente, o pré-entendimento linguístico do mundo deveria partir do acordo mútuo quanto ao sentido, como conquista de uma comunidade de comunicação.⁶⁴

Nesse sentido, avesso ao primado pelas contradições performativas na história da humanidade, e que se foram estabelecendo ante ao ideal de consenso mútuo, em detrimento da verdade objetiva implicada na interpretação e argumentação, o intento primeiro apontado como fio condutor da

⁶¹ Ibidem, p. 192.

⁶² Idem, p. 192.

⁶³ Esta última está, conforme Apel, nas circunstâncias de transformação da verdade com o já revelado, entendendo-se “o mistério da linguagem” (Wittgenstein) na instância hermenêutica frente a espontaneidade: “o signo é algo que está onticamente à mão”. “A voluntariedade última do ser-no-mundo é apenas aparentemente uma referência objetiva fixa, que relativiza o mundo enquanto mundo instrumental [*Zeugwelt*]; esse auto-entendimento pragmático predomina apenas na cotidianidade mediana dos afazeres do cuidar. Na verdade, o ser-aí é histórico apenas na voluntariedade de sua praxe. Em outras palavras, também as carências últimas do ser humano podem se transformar em “ocorrências históricas” nas quais os objetivos humanos quanto à circunstância explicativa das coisas enquanto instrumento não estejam decididos de antemão, mas pelo contrário, as coisas revelem-se ao ser humano de modo que o ser-aí do homem venha a alterar-se sob a luz de uma nova significância”. APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 195.

⁶⁴ Apel enfatiza que o processo pelo qual “a filosofia da linguagem da Era Moderna, que partiu essencialmente da radicalização e dissolução nominalista do aristotelismo na baixa Idade Média, elaborou de forma muito perspicaz, sobretudo dois dos traços que caracterizaram o paradigma ora esboçado: 1) a ideia de evidência cognitiva pré-lingüística; e 2) ideia do solipsismo metódico, ou individualismo metódico. Os dois traços surgem na redução definitiva da significação (*significatio*) dos signos lingüísticos a impressões intra-anímicas e evocadas de maneira casual enquanto signos naturais (*signa naturalia*) do mundo exterior, destinados a cognição intuitiva”. APEL, Karl-Otto. *Transformação da filosofia II*. O apriori da comunidade de comunicação. São Paulo: Loyola, 2000, p. 384-386.

filosofia apeliana é “responder à pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento válido”.⁶⁵ No sentido de uma reviravolta, a aplicabilidade da reflexão apeliana está situada numa transformação da filosofia transcendental kantiana cujo ponto de partida é a pragmática transcendental da linguagem, importando o sentido e a validade, e não uma falácia abstrativa,⁶⁶ em termos apelianos, contra o efeito da filosofia da consciência, marcada pelos racionalistas críticos: Descartes, Husserl e Kant.⁶⁷ Aliás, a filosofia da consciência, ao se tratar da interpretação de fenômenos, apresenta-se incompatível com uma teoria consensual da verdade.

Um posicionamento relevante da relação da linguagem com a verdade surge após um autoquestionamento, por parte de Apel. A conclusão é lançada ao interesse participativo, comunitário, responsável e público: “todo uso da linguagem, verificável de maneira pragmática, pressuporia na linguagem uma função poética-encarnativa da verdade”.⁶⁸ Ao longo da história da linguagem, segundo Apel, o ser humano é passível de uma investigação behaviorista.⁶⁹ A questão é o ponto em que a linguagem habita como inquilino na “morada do ser”, em que há ocorrências de sentidos constituídos continuamente na linguagem e por meio da linguagem, intersubjetivamente entre os seres humanos.

O ato de raciocinar sobre uma determinada questão objetiva, a partir da consideração do que já se sabe sobre algo, em Apel, é relevante considerar a relação signo – objeto – interpretante. Isso significa entender que há conhecimentos para além da comunidade de comunicação. Todavia, ultrapassado o solipsismo metodológico, alcança-se o panorama interpretativo que permite depreender que a descoberta não se constrói assumindo um conceito de verdade, mas libertando-se de estados de crença, passíveis de serem discutidas comunitariamente, de forma que as dúvidas possam ser levadas em questão. Em conformidade com Peirce: “a dúvida leva-nos a atingir um estado de crença”, com produção de mais crenças, considerando-se que nunca se parte do nada, num dado raciocínio⁷⁰ sobre um conhecimento

⁶⁵ APEL, Karl-Otto. *Op. Cit.*, p. 19

⁶⁶ *Ibidem*, p. 20

⁶⁷ *Ibidem*, p. 21

⁶⁸ APEL, Karl-Otto. *Op. Cit.*, 2000, p. 197.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 197.

⁷⁰ PEIRCE, Charles Sanders. *Op. Cit.*, 2005, p. 77.

ou proposição claramente delimitada. A comunidade de comunicação, uma vez que analisam as crenças, pode ou não consensualmente refutá-las ou não, visando o bem ético comum, e o valor da moralidade intersubjetiva posta em questão.

CONCLUSÃO

Esse texto é o resultado de um processo investigativo delimitado na histórica problemática da linguagem e o nexos com a verdade. No tratamento do assunto, o inciso teórico apeliano revela-se no eixo da reflexão sobre a concepção instrumentalista designativa de linguagem, compreendida como Tradição Ocidental de Linguagem, que perdurou por mais de quinze séculos. A opção por uma reflexão filosófica legitimada em torno do lastro que se perpetuava desde o século V, tradicionalmente respeitado no âmbito da linguagem, privilegia um parâmetro de análise cujo enfoque é a reviravolta linguística pragmática, que se justifica premente nas convenções científicas acerca das descobertas e maravilhas tecnológicas de nossa era.

O aprofundamento dos contributos paradigmáticos sustentadores da filosofia da linguagem de Platão até Apel, em aproximação com a fundamentação teórica da verdade, indissociada na natureza comunicativa do ser de linguagem, pretende implicitamente a garantia de uma crítica ao contexto teórico funcional da ciência, em prol do esclarecimento das ideologias, mascaradas na *praxis* social, objetivando revelar a massificação do indivíduo por meio da linguagem.

Preambularmente, procurou-se distinguir os elementos significativos da teoria linguístico-filosófica de Apel, explicitada em polêmica com o solipsismo metodológico, que obstrui a possibilidade de consenso, bem como o aparelho constitutivo do conceito de linguagem, vinculado à teoria consensual da verdade em Apel. A proposta de Apel expõe, no desenvolvimento de uma analítica crítica da linguagem, um interesse pela mediação dialética e compreensão interpessoal, pressuposta numa comunidade transcendental de comunicação, que arremete ao crivo da universalização dos interesses.

Abstraindo-se da dogmatização da verdade, a tese da linguagem apeliana surge propondo transformações na comunicação dos valores, na análise do discurso de cunho moral, fundamentada num agir comunicativo eticamente concebido. Para Apel, isso é possível quando se intenta alicerçar teoria e

práxis. Contudo, não há inocência por parte do filósofo alemão. Isso se mostra limitado quanto aos anseios sociais e políticos do ser humano, em favor de uma diplomacia para o progresso qualitativo da vida de um panorama; e as relações de poder, predominante contrafáticas, de dominação ideológica no exercício executivo das políticas em prol do próprio ser humano, subjugando a “autonomia linguística” do outro (liberdade) às intencionalidades versadas na coação e corrupção de seus pares, de outro panorama.

A fortiori, esta questão se desdobra em outro problema clássico da filosofia, o sentido da vida, só que desta vez emoldurada em plano comunitário, conjecturada na história do ser de linguagem na existência humana, ao se considerar uma isomorfia entre *logos* (ser de linguagem) e *ethos* (morada do ser) ocultada na linguagem. Conclui-se este estudo com a constatação de que se faz necessário, manifestamente, outra investigação sobre os intentos teórico-pragmáticos de Karl-Otto Apel. Isso porque ao passo que a pesquisa foi sendo redigida, justamente pela natureza filosófica e sociolinguística do trabalho apeliano, neste estudo, debruçado sobre a linguagem, notou-se a caracterização de um aceno deontológico discutível na perspectiva da Ética do Discurso, justamente por indagar por questões linguísticas e filosóficas que ultrapassam os limites do presente trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- APEL, Karl-Otto. *Semiótica Filosófica*. Buenos Aires: Almagesto, 1994.
- _____. *El Camino del Pensamiento de Charles Sanders Peirce*. Navalcarnero (Madrid): Gráficas Rógar/visor, 1997.
- _____. *Teoría da laVerdad Y Ética del Discurso*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1998.
- _____. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Transformação da filosofia II*. O apriori da comunidade de Comunicação. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Estúdios Éticos*. México: Fontamara, 2004.
- BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de Filosofia Aristotélica*. Leitura e interpretação do pensamento aristo-télico. Barueri: Editora Manole, 2003.
- CORTINA, Adela. *Razón comunicativa y responsabilidad solidaria*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1988.
- DESCARTES, René. *Discours de La Méthode*. Paris: Libro, 2004.

- DUSSEL, Henrique. *Ética da Libertação: Na idade da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HABBERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. Ensaaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Hölderlin y la esencia de la poesía*. In: *Arte y poesía*. Trad. Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.
- HELENO, José Manuel Morgado. *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 2001.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JOLIVET, Regis. *Tratado de Filosofia*. Lógica – cosmologia. Vol I. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1969.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos Coligidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)
- _____. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- STROH, Guy W. *A Filosofia Americana*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- VAZ, Henrique C de Lima. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- VELASCO, Marina. *Ética do Discurso*. Apel ou Habermas? Rio de Janeiro: Mauad Editora LTDA, 2001.